

A história mantivera-nos, junto ao fogo, cabalmente suspensos, mas para além da opinião evidente de que era sinistra, como um estranho conto deve sê-lo na véspera de Natal numa casa antiga, não me recordo de nenhum comentário até alguém se lembrar de dizer que era o único caso que conhecia em que uma dessas visões acontecera a uma criança. O caso, devo dizê-lo, era o de uma aparição numa casa antiga exactamente como aquela que nos reunira — uma aparição, de uma natureza horrível, a um rapazi-nho que dormia no quarto com a mãe e que a despertara aterrorizado; despertara-a não para que dissipasse o seu terror e o tranquilizasse até voltar a adormecer, mas para que também ela encontrasse, antes de conseguir fazê-lo, a mesma visão que o inquietara. Foi essa observação que suscitou de Douglas — não imediatamente, mas mais tarde nessa noite — uma resposta que teve a consequência interessante para a qual chamo a atenção. Houve outra pessoa que contou uma história pouco impressionante, tendo eu percebido que ele não estava a segui-la e tomado isso por um sinal de que ele próprio ia desencantar algo e que nós só tínhamos de esperar. De facto, tivemos de esperar

até duas noites depois; mas nessa mesma noite, antes de nos retirarmos, deu-nos a conhecer o que lhe ia no espírito.

— Concordo completamente, em relação ao fantasma do Griffin, ou o que quer que fosse... que o facto de ter aparecido primeiro ao menino, numa idade tão tenra, acrescenta-lhe um toque singular. Mas não é a primeira ocorrência de tão fascinante natureza que eu conheço em que esteja envolvida uma criança. Se a criança dá um efeito mais retorcido, como um parafuso a que se desse mais uma volta, que dizem vocês a *duas* crianças...

— Dizemos, claro — exclamou alguém —, que dão duas voltas! E também que queremos saber o que lhes aconteceu.

Parece-me que estou a ver Douglas ali diante da lareira, de costas para a qual se erguera, olhando de alto o seu interlocutor com as mãos nos bolsos.

— Até agora nunca ninguém soube senão eu. É demasiado horrível.

Naturalmente que várias vozes declararam que isso conferia à história o mais precioso valor, e o nosso amigo, com discreta arte, preparou o seu triunfo voltando o olhar para os restantes de nós, e prosseguindo:

— É uma coisa que ultrapassa tudo o que se possa imaginar. Não conheço nada que se lhe compare.

— Em horror absoluto? — lembro-me de perguntar.

Deu a ideia de que não era assim tão simples, que não conseguia de todo classificá-la. Passou a mão pelos olhos, fez um esgar como que de críspação.

— Em terrível... tremor!

— Ó, que delicioso! — gritou uma das mulheres.

Ele não fez caso; olhou para mim, mas como se, em vez de mim, visse aquilo de que falava.

- Em sinistra hediondez, de modo geral, e em terror e dor.
- Pois então — disse eu —, sente-se aí e comece.

Voltou-se para o fogo, pontapeou um tronco, observou-o por instantes. Depois, encarando-nos de novo, disse:

- Não posso começar. Tenho de mandar uma mensagem à cidade.

Esta declaração foi recebida com um protesto unânime e muitas censuras, após o que, no seu tom preocupado, explicou:

- A história está escrita. Está numa gaveta trancada... há anos que não sai de lá. Podia escrever ao meu criado, enviando-lhe a chave; logo que a encontre, mandar-ma-á por encomenda.

Parecia que propunha tal coisa dirigindo-se-me em particular, parecia quase estar a pedir-me ajuda para não hesitar. Quebrara uma camada de gelo, formada durante muitos Invernos; tivera as suas razões para um tão longo silêncio. Os outros levaram a mal o adiamento, mas foram precisamente os escrúpulos dele que me fascinaram. Incitei-o a escrever logo no correio da manhã, e a comprometer-se a contar-nos o mais cedo possível; depois perguntei-lhe se a experiência em questão fora com ele, ao que prontamente respondeu:

- Oh não, graças a Deus!
- E o relato é seu? Foi você que o escreveu?
- Não, só a impressão que me causou é que está *aqui* escrita — bateu no peito. — Nunca a perdi.
- Então o seu manuscrito...?
- Está escrito numa tinta velha, esmaecida, e com a mais bela das caligrafias — atçou de novo o fogo. — De mulher. Vai para vinte anos que está morta. Mandou-me as ditas páginas antes de morrer.

Agora estavam todos a ouvir, e claro que houve logo alguém que fez uma insinuação maliciosa, ou pelo menos tentou. Mas ele, se rejeitou tal insinuação sem um sorriso, também não se mostrou irritado.

— Era uma pessoa extraordinariamente encantadora, mas era dez anos mais velha do que eu. Era a preceptora da minha irmã — disse calmamente. — Era a mulher mais competente e afável que já conheci na sua posição, seria aliás digna de qualquer uma. Foi há muito tempo, e este episódio deu-se muito antes. Eu estava no Trinity, e encontrei-a na minha casa no segundo Verão de férias. Fiquei bastante por lá, nesse ano, foi um belo ano, e dávamos, nas suas horas de folga, alguns passeios pelo jardim, trocávamos algumas conversas, conversas em que ela me deu a impressão de ser bastante inteligente e simpática. Oh, sim, não sorriam, gostava muito dela e até hoje me faz feliz a ideia de que ela também gostava de mim. Se não gostasse não me teria contado. Nunca tinha contado a ninguém. Não foi preciso dizer-mo, mas eu soube que não. Tive a certeza, vi muito bem. Hão-de perceber facilmente porquê quando souberem.

— Por a coisa ter sido tão assustadora?

Continuou a olhar-me fixamente.

— Hão-de perceber facilmente — repetiu. — *Há-de* perceber.

Fixei também o seu olhar.

— Estou a ver. Ela estava apaixonada.

Riu-se pela primeira vez.

— É *muito* perspicaz. Sim, ela estava apaixonada. Quero dizer, tinha estado. Isso notou-se, não foi capaz de contar a sua história sem que se notasse. Eu notei, e ela notou que eu notei, mas nenhum de nós falou disso. Lembro-me mui-

to bem da hora e do lugar, do recanto na relva, da sombra das grandes faias e da longa e quente tarde de Verão. Não era um cenário de dar calafrios, mas oh!...

Afastou-se da lareira e tornou a sentar-se, prostrado, na cadeira.

— Pensa que recebe a encomenda na quinta de manhã? — perguntei.

— Provavelmente só no segundo correio.

— Muito bem, então depois do jantar...

— Encontram-se todos aqui comigo? — Olhou de novo em volta para nós. — Ninguém se vai embora? — O tom era quase de esperança.

— Vai toda a gente ficar!

— *Eu* vou...

— E *eu* vou... — gritaram as senhoras cuja partida estava combinada. Mrs. Griffin, porém, disse que precisava de mais esclarecimentos.

— Por quem é que ela estava apaixonada?

— A história o dirá — encarreguei-me eu de responder.

— Oh, não posso esperar pela história!

— A história *não* dirá — disse Douglas —, pelo menos de uma maneira literal, vulgar.

— Então, tanto pior. Eu só consigo perceber dessa maneira.

— Não quer dizer-nos, Douglas? — perguntou outra pessoa.

De um pulo, ergueu-se de novo.

— Sim... amanhã. Agora tenho de me ir deitar. Boa-noite.

E, rapidamente, pegando num castiçal, deixou-nos ligeiramente perturbados. No canto do grande salão castanho onde estávamos, ouvimos os seus passos na escada; Mrs. Griffin disse então: